

O IMAGINÁRIO DAS VIAGENS

Literatura, Cinema, Banda Desenhada

ORGANIZAÇÃO

Maria Cristina Daniel Álvares

Ana Lúcia Amaral Curado

Sérgio Paulo Guimarães de Sousa



Universidade do Minho
Centro de Estudos Humanísticos

A VIAGEM COMO *TOPOS* NARRATIVO NOS *CONTOS PARA A INFÂNCIA* DO POETA PORTUGUÊS ABÍLIO MANUEL GUERRA JUNQUEIRO

Maria Antonietta Rossi

rossi-maria-anto@libero.it

UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DELLA TUSCIA

A presente comunicação visa apresentar a temática da viagem como constituinte narrativo fundamental que caracteriza a endogénese textual dos *Contos para a Infância*, publicados em 1877 por Abílio Manuel Guerra Junqueiro (1850-1923), que se interessou pela pedagogia e pela instrução em Portugal. Os *Contos*, através dos acontecimentos vividos por personagens fictícias, mostram que a viagem é a condição existencial de cada ser vivente, caracterizada por uma deslocação espaço-temporal que implica uma transformação interior do *viator* em relação às experiências realizadas durante a fase de trânsito. Serão apresentadas as diferentes tipologias de viagem vividas pelos protagonistas, que representam, de facto, os *topoi* narrativos constantes da tradição literária odepórica: a viagem de formação caracterizada pela superação de provas, a viagem como busca de algo essencial para a ampliação da consciência, a viagem involuntária que provoca sofrimento interior e, finalmente, a viagem virtual dentro de si próprio.

Viajar? Para viajar basta existir

(Fernando Pessoa, *Livro do desassossego* por Bernardo Soares)

A TEMÁTICA DA VIAGEM É UM *TOPOS* NARRATIVO QUE CARACTERIZA, desde os tempos mais antigos, a endogénese textual de diferentes géneros literários – tal como romances, poemas, *récits de voyage*, autobiografias, correspondências epistolares e diários íntimos (cf. Monga, 1993) – que apresentam a figura do *viator* em fase de deslocação espaço-temporal e a respetiva experiência interior por ele vivida durante a fase de trânsito, que lhe permite entrar progressivamente em contacto com a alteridade social e humana do lugar de chegada. Sendo a viagem a condição existencial de cada ser vivo, implica inevitavelmente uma transformação interior em relação às experiências realizadas durante

a fase de trânsito, que permite ao viajante “racionalizar” e “assimilar” a alteridade conforme os próprios paradigmas mentais e culturais, processo hermenêutico essencial que muda o horizonte interpretativo do próprio *viator* (cf. Leed, 1992). A experiência autêntica e directa da alteridade na primeira pessoa permite, por conseguinte, alcançar um superior estado de sabedoria (cf. Cavaliere, 2010).

Viajar significa descobrir o que se esconde além da quotidianidade, buscar algo que enriquece a condição existencial do homem, como mostra, por exemplo, o antigo mito do *Santo Graal* – utilizado pela primeira vez como *topos* narrativo no romance inacabado *Perceval ou le Conte du Graal* (cf. Chrétien de Troyes, 1881 & Giannini, 2012) ou a própria empresa marítima dos descobrimentos portugueses, animados pelo desejo de conhecer o ignoto colocado além das Colunas de Hércules (atualmente o Estreito de Gilbratar) que, segundo crenças antigas, protegiam os povos dos monstros do Oceano Atlântico.

A viagem representa portanto um constituinte narrativo fundamental de diferentes géneros literários (cf. Todorov, 2002 & Petitjean, 1989) como no caso das *fábulas* e dos *contos* que fazem parte da tradição popular narrativa de transmissão oral e que foram recolhidos em coletâneas e analisados em estudos críticos a partir do século XIX quando, com a corrente literária do Romantismo e a descoberta do folclore tradicional português, o tipo discursivo do conto ganhou prestígio literário, afirmando-se como género escrito e como objeto de investigação científica (cf. Genette, 1972). De facto, alguns autores portugueses do século XIX interessaram-se por este género textual, como Alexandre Herculano (Herculano, 1851), Teófilo Braga (Braga, 1883), Adolfo Coelho (Coelho, 1879), Almeida Garrett (Garrett, 1843) e o próprio Abílio Manuel Guerra Junqueiro (Junqueiro, 1877). Este último foi um dos maiores representantes da *Geração de 70*, que se interessou com empenho pelo campo da pedagogia e da instrução em Portugal, de maneira a contribuir pessoalmente para a regeneração sócio-cultural do país, um dos objectivos prioritários a atingir por este grupo de jovens académicos conimbricenses que defendiam e sustentavam uma necessária e profunda revolução intelectual da nação, de acordo com as novas ideologias, oriundas nomeadamente do estrangeiro. A luta contra as convenções literárias românticas e académicas da segunda metade do século XIX deu origem à célebre *Questão Coimbrã*, que teve

início com a publicação em 1865 do romance *Poema da Mocidade* de Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (Chagas, 1865) prefaciado por Antônio Feliciano Castilho (1800-1875), cujas ideologias promoveram o debate entre os partidários da cultura tradicional e os da renovação de todos os saberes no país. A *Questão Coimbrã* começou a ganhar notoriedade só a partir de 1871, quando Antero de Quental (1842-1891) e o grupo do *Cenáculo* organizaram as *Conferências Democráticas do Casino* para promover e incentivar a difusão dos próprios princípios em cada setor intelectual (cf. Machado, 1980 & Tocco, 2001: 164-171).

Neste clima de renovação ideológica, o poeta português Guerra Junqueiro foi particularmente ativo na promoção de uma mudança radical no âmbito do ensino e da pedagogia, uma vez que devia ser o setor da educação a incentivar uma *regeneração* da mentalidade e da atitude ética do povo português. Tendo como quadro epistemológico de referência as teorias do movimento do Ativismo, do pedagogo suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) e do filósofo estadunidense John Dewey (1859-1952), que consideravam o aluno como protagonista principal do próprio desenvolvimento tanto intelectual como moral, o poeta português tentou difundir no seu país estas novas ideologias, que já circulavam graças à *Revista de Educação e Ensino* publicada a partir de 1886 (cf. Fernandes, 2010). Sendo necessária, para o escritor português, a regeneração das instituições escolares da nação, uma vez que são responsáveis pela formação tanto cultural como moral das crianças, ele expressa o próprio ponto de vista em relação a este assunto no poema *A escola Portuguesa* (Junqueiro, 1877), onde descreve o sistema escolar nacional como obsoleto, passivo e pouco profícuo para a efetiva formação ética e intelectual dos estudantes: “Esta escola é um atentado, um roubo feito ao progresso” (cf. *Idem*, 53). Neste clima de renovação dos métodos pedagógicos, o poeta português publica também os *Contos para a infância*¹, uma coletânea de contos tradicionais

¹ Como já referimos anteriormente, a primeira edição data do ano de 1877 e reúne 42 contos tradicionais escolhidos pelo próprio autor, respetivamente: A mãe, O ouro, Doçura e bondade, O malmequer, Não quero, Piloto, O rico e o pobre, Um camponês aprendeu o Padre Nosso, O talismã, A alma, Alberto, A canção da cerejeira, Os gigantes da montanha e os anões da planície, A criança, o anjo e a flor, Presente por presente, O pinheiro ambicioso, Perfeição das obras de Deus, João e os seus camaradas, O rabequista, Os pêssegos, A urna das lágrimas, Reconhecimento e ingratidão, O fato novo do sultão,

da literatura infantil cuja *intencionalidade e componente pragmática* (cf. Adam, 2001 & PetitJean, 1989) consiste em entreter e educar o alocutário alvo (a criança) para a importância dos altos valores cívicos e morais, imprescindíveis para a formação da personalidade do bom cidadão socialmente útil (cf. Guerreiro, 2006), para ele efeito perlocutório principal a atingir.^[2] Os 42 contos que constituem a primeira edição da obra – que inclui tanto contos da tradição literária lusitana como adaptações portuguesas dos textos de Charles Perrault (1628-1703), dos Irmãos Grimm^[3] e de Hans Christian Andersen (1805-1875) – apresentam uma diegese muito simples, uma vez que eram transmitidos oralmente sem suportes escritos, *componente material* do texto (cf. Adam, 2001: 40). A maior parte é caracterizada pela clássica fórmula preambular “*Era uma vez*”, que introduz o leitor num tempo e num espaço indefinido, num mundo irreal e imaginário, num *cronótopo* que não podemos identificar, uma vez que não aparecem indícios quanto ao contexto histórico e social de referência (cf. Propp, 1976). A *componente composicional* (cf. Adam, 2001: 40) dos contos, ou seja a respetiva estrutura organizacional, é constituída por sequências narrativas que definem o desenvolvimento dos factos expostos (cf. *Idem*, 30-40) e é caracterizada pela brevidade dos eventos e pela descrição de ações simples. As vagas referências espaço-temporais e as personagens estereotipadas (reais ou fictícias) são, por conseguinte, elementos essenciais da estrutura narrativa destes contos, que se baseia no relato de acontecimentos em ordem cronológica num mundo atemporal.

Boa sentença, Os animais agradecidos, O ermitão, Carlos Magno e o abade de S. Gall, A boneca, Inconveniente da riqueza, Querer é poder, Qual será rei?, Os três véus de Maria, Os pequenos no bosque, O chapelinho encarnado, Os cinco sonhos, A igreja do rei, O valente soldado de chumbo, João Pateta, Branca de Neve, A rapariguinha e os fósforos, O primeiro pecado de Margarida, Um nome inscrito no céu, O linho. A partir de 1877, a obra teve várias edições (quase 15) tanto em vida com depois da morte do autor, que incluem também ilustrações, uma vez que os leitores-alvo são crianças. A última edição que hoje conhecemos desta obra é a seguinte: Abílio Manuel Guerra Junqueiro (2007), *Contos para a Infância*, Baguim do Monte, Lello Editores.

² Esta característica textual está relacionada com a teoria dos atos linguísticos de John Langshaw Austin (1911-1960), segundo o qual o ato perlocutório consiste no efeito que o locutor produz no destinatário tendo em consideração os objetivos pelos quais o emissor produziu o respetivo ato de fala.

³ Jacob Ludwig Karl Grimm (1785-1863) e Wilhelm Karl Grimm (1786-1859).

O *leitmotiv* que recorre em todos os contos, conferindo unicidade semântica à obra, é a temática da viagem determinada por uma deslocação espaço-temporal que implica inevitavelmente uma transformação interior do *viator* em relação às experiências realizadas durante a fase de trânsito, que permite ao viajante superar provas e entrar progressivamente em contacto com a alteridade social e humana do lugar de chegada. Os protagonistas, personagens fictícias pertencentes tanto à vida humana como à animal (seguindo a tradição arquetípica do conto esópico) assim como à sobrenatural (refletindo os mitos do mundo clássico), abandonam uma situação inicial de privação económica, de malfetoria ou de injustiça moral para encontrar uma melhor condição existencial, recompensa que lhes é atribuída no fim da ação narrativa depois de terem superado peripécias e provas, facto que lhes permite, num decurso quase picaresco, aprender a “arte de viver” (cf. Rak, 2010). As personagens dos *Contos de Guerra Junqueiro* são fortemente dinâmicas, uma vez que empreendem um percurso iniciático que ativa um processo de metamorfose interior ou de mudança do *status* inicial e que termina no fim da breve ação narrativa com um profícuo casamento ou da aquisição de uma grande riqueza, tanto material como espiritual.

A principal tipologia de viagem que recorre constantemente na colectânea é a de formação, experiência caracterizada pela superação de provas que permitem ao protagonista conseguir um alto grau de maturidade, tal como acontece nos rituais de iniciação. Os contos mais representativos onde recorre esta tipologia de viagem são, por exemplo, *João e os seus camaradas*, o clássico conto da literatura infantil *O chapelinho encarnado* e *Os pequenos no bosque*.⁴¹ De facto, *João e os seus camaradas* apresenta a história de um rapaz, João, o qual decide abandonar a própria mãe por causa da condição de pobreza em que é obrigado a viver. De facto, a frase que recorre como *leitmotiv* durante todas as fases da sua experiência formativa é: “Vou por esse mundo fora, a ver se ganho a minha vida”. Graças ao auxílio dos seus amigos animais, personagens adjuvantes que lhe permitem denunciar um roubo efetuado no palácio do rei, João aprende a viver em condições

⁴¹ Esta tipologia de viagem recorre também nos seguintes contos: *A criança, o anjo e a flor*; *Presente por presente*; *O rabequista*; *Os animais agradecidos*; *A boneca*; *Querer é poder*; *Os cinco sonhos*; *João Pateta*.

precárias e a enfrentar com sabedoria e astúcia as dificuldades da vida, circunstância que lhe permite mudar radicalmente o próprio status económico inicial. No fim do seu percurso formativo, João torna-se adulto, conseguindo o grau de intendente do rei e casando também com uma mulher de boa família.

O mesmo percurso formativo caracteriza o conto *O chapelinho encarnado*, cuja protagonista é uma miúda que, símbolo da inocência e da ingenuidade, atravessa o bosque (lugar por excelência onde começa o ritual iniciático e que simboliza o desnorteamento no subconsciente da protagonista) para fazer uma visita à avó doente. Durante o caminho, Chapelinho Encarnado encontra o lobo – fera que no imaginário colectivo representa o arquétipo do mal (cf. Jung, 1996) – que corrrompe o seu estado de pureza interior, obrigando-a a madurar e a abandonar a idade da infância, tomando consciência dos obstáculos e dos males que cada ser humano pode encontrar durante o próprio percurso existencial.

A viagem de formação representa também o fio narrativo condutor do conto *Os pequenos no bosque*, que relata a história de três rapazes os quais, em vez de ir para a escola, decidem passar a manhã a brincar com os bichinhos do bosque, lugar onde irão aprender uma importante lição de vida. De facto, os pequenos protagonistas pedem a todos os animais, que encontram progressivamente durante o próprio vagabundear, se querem brincar com eles, uma vez que, segundo as crianças, os bichos não fariam mais do que isso. A estrutura dialógica que determina toda a ação narrativa produz uma cadeia verbal interacional que confere dinamicidade e autenticidade às sequências dos eventos descritos. Cada animal responde aos interlocutores que tem tarefas e compromissos a respeitar, fundamentais para manter inalterado o ciclo vital do bosque. Graças à repreensão do pintassilgo (“Ide-vos embora, preguiçosos, ide cumprir o vosso dever, e não tornem a vir incomodar os habitantes das florestas, que cada um tem a sua tarefa a desempenhar”) que recomenda aos rapazes ir sempre para escola e cumprir os próprios deveres, os três protagonistas aprendem que “o prazer é só legítimo quando é recompensa do trabalho”. Portanto o bosque, tal como em *Chapelinho Encarnado*, representa um lugar de introdução aos conhecimentos da vida que ativa um processo de metamorfose interior no protagonista, permitindo-lhe atingir o bom senso e as mais altas virtudes.

Além disso, na coletânea, podemos encontrar também outra tipologia de viagem que constitui um *topos* narrativo típico da tradição literária odepórica: o caminho como procura de algo essencial para a vida ou a ampliação da consciência. Os contos mais representativos a este respeito são *A mãe* e *O ermitão*.⁵ O primeiro apresenta a história de uma mulher que afronta provas, peripécias perigosas e atravessa florestas obscuras para encontrar o próprio filho que a Morte, personificada por um homem velho e pobre, lhe roubou durante uma noite de frio intenso. No fim da sua viagem, a mãe consegue encontrar a Morte em pessoa graças à sua teimosia e tenta convencê-la a devolver-lhe o filho, mas o velho explica que ninguém pode fugir da vontade de Deus: a mulher percebe então que as escolhas do Criador são sempre justas e, relutantemente, aceita a morte do miúdo. A viagem da mãe é, por conseguinte, quer uma busca de algo vital, quer um processo de elevação espiritual. Pelo contrário, no conto *O ermitão*, o protagonista é um homem que decide retirar-se numa gruta solitária para se dedicar exclusivamente à salvação da própria alma, empreendendo portanto um percurso de viagem interior. Apesar de ter aplicado todas as estratégias necessárias para conseguir o seu propósito, o anjo Gabriel revela-lhe em sonho que um pobre músico merece muito mais a recompensa eterna do que ele. O ermitão põe-se então a caminho para encontrar o homem, de maneira a perceber como ele conseguiu um lugar glorioso no paraíso. O pobre conta-lhe que uma vez tinha hospedado uma mulher abandonada e que a tinha ajudado a resgatar a família da escravidão: estas palavras fizeram crescer interiormente o homem que compreendeu que é necessário pôr em prática as virtudes para conquistar a glória divina. Podemos portanto afirmar que a viagem do ermitão é quer uma deslocação espaço-temporal como busca, quer um processo de ascensão espiritual através do encontro com o “outro”.

Na coletânea, podemos também encontrar a tipologia de viagem involutária que provoca uma condição de sofrimento interior, uma vez que o *viator* é obrigado a deixar o próprio lugar de origem contra à sua vontade, processo de erradicação que provoca um estado de ânimo de

⁵ Esta tipologia de viagem recorre também nos seguintes contos: *Piloto*; *O rico e o pobre*; *O talismã*; *A alma*; *O pinheiro ambicioso*; *O fato novo do sultão*; *Carlos Magno e o abade de S. Gall*; *Branca de Neve*; *A rapariguinha e os fósforos*.

desconforto moral. É o caso, por exemplo, do conto *O malmequer*, uma pequena flor que, dia após dia, se torna cada vez mais bonita, despertando o ciúme das outras flores do jardim.⁶ Infelizmente, um dia o malmequer é arrancado por alguns rapazes, que põem a flor numa gaiola junto com uma cotovia que, desesperada, estava a morrer de sede. Apesar da condição de sofrimento interior por ter perdido a sua vida tranquila na natureza, o malmequer tenta consolar e suportar a cotovia: os dois protagonistas morrem juntos, uma vez que a passagem involuntária da vida livre na natureza àquela encerrada da prisão gera uma condição existencial interior de mágoa que os leva progressivamente a abandonar qualquer esperança. Esta circunstância de desespero e aflição moral provocada pela viagem aparece também no conto *O valente soldado de chumbo*, o qual é obrigado a deixar o próprio lugar de origem e a enfrentar uma série de peripécias contra a sua vontade por causa de um feitiço lançado por um espírito maligno. A viagem empreendida pelo protagonista adquire então duas conotações diferentes: a erradicação e a vagabundagem por sítios perigosos e obscuros – para voltar finalmente ao lugar de partida – representa para o soldado quer uma condição de infelicidade e de desconforto moral, quer uma oportunidade para conseguir uma maior autoconsciência e, sobretudo, a virtude da coragem.

Finalmente, na obra podemos também encontrar a tipologia de viagem virtual dentro de si próprio, que implica a passagem de um estado espiritual para outro. O conto que apresenta por excelência tal transformação interior é *O linho*, história com a qual termina a coletânea organizada pelo poeta Guerra Junqueiro.⁷ O protagonista é o linho, cujo pensamento otimista em relação à vida e cuja vontade constante de ascender a um nível existencial mais elevado são fundamentais para superar todos os obstáculos e as provas para atingir um único fim: a felicidade suprema. O linho deixa então a sua vida na natureza para ser

⁶ Esta tipologia de viagem recorre também nos seguintes contos: *A mãe*; *Os gigantes da montanha e os anões da planície*; *A urna das lágrimas*; *Branca de Neve*.

⁷ Esta tipologia de viagem recorre também nos seguintes contos: *O ouro*; *Doçura e bondade*; *Não quero*; *Piloto*; *O rico e o pobre*; *Como um camponês aprendeu o Padre Nosso*; *A alma*; *Alberto*; *O pinheiro ambicioso*; *Perfeição das obras de Deus*; *O rabequista*; *Reconhecimento e ingratidão*; *Boa sentença*; *Inconveniente da riqueza*; *Os três vus de Maria*; *A igreja do rei*; *O primeiro pecado de Margarida*; *Um nome inscrito no céu*.

transformado, passando por reais sofrimentos físicos, primeiramente numa peça de pano, depois em papel e finalmente em cinza, uma vez que foi atirado para a lareira. Para o protagonista, este percurso de dor tanto física como moral é imprescindível para melhorar-nos a nós mesmos (“É necessário sofrer, o sofrimento é a mãe da experiência”), de maneira a atingir um estado espiritual superior, percurso que lembra inevitavelmente a Paixão de Cristo e os princípios basilares do pensamento agostiniano (cf. Gilson, 1997).

Em conclusão, podemos afirmar que a viagem é o *topos* narrativo condutor que caracteriza a diegese dos *Contos para a infância*, conferindo portanto unidade semântica e circularidade temática à obra, cuja intenção era, para o autor, propor e incentivar o desenvolvimento moral e cultural do destinatário alvo: a criança que, no futuro, seria parte integral da sociedade, promovendo desta maneira altos valores e uma moralidade menos corrupta em todos os campos da vida civil, que o grupo do Cenáculo e o movimento da *Geração de 70* tentaram instituir na segunda metade do século XIX.

Referências

- ADAM, Jean-Michel (2001), “En finir avec les types de textes”, in M. Ballabriga (Org.) (2001), *Analyse des discours. Types et genres: Communication et interprétation*, Toulouse, EUS, pp. 25-43.
- BRAGA, Teófilo (1883), *Contos Tradicionais do Povo Português*, Lisboa, D. Quixote.
- CAVALIERI, Raffaella (2010), “L’incipit del viaggio”, *Bollettino CIRVI*, anno XXXI, fascicolo II., n° 62.
- CHAGAS, Manuel Joaquim Pinheiro (1865), *Poema da Mocidade*, Lisboa, A. M. Pereira.
- COELHO, Adolfo (1879), *Contos Populares Portugueses*, Lisboa, P. Plantier.
- COUTINHO, Antónia & Florencia Miranda (2009), “To describe textual genres: problems and strategies”, in bazerman, Charles et al. (2009), *Genre in a Changing World. Perspectives on Writing*, Colorado, Fort Collins, The WAC Clearinghouse and Parlor Press, pp. 35-55.
- CHRÉTIEN DE TROYES (1956-1959), *Le roman de Perceval ou le Conte du Graal*, ed. ROACH, William, Geneva, Droz; Paris, Minard.
- GILSON, Étienne (1997), *Introduzione allo studio di S. Agostino* (trad. it.), Milano, Marietti Editore.

- FERNANDES, Ana Lúcia Cunha (2010), "Estabelecer a unidade moral e intelectual do professorado: A construção da profissão docente em revistas pedagógicas do Brasil e de Portugal no final do século XIX", in *Sísifo/revista de ciências da educação*, n.º 11, pp. 105-115.
- GARRETT, Almeida (1843), *Romanceiro e Cancioneiro Geral*, Lisboa, Typ. da Soc. Propagadora dos Conhecimentos Úteis.
- GENETTE, Gérard (1972), *Figures III*, Paris, Seuil.
- GIANNINI, Paolo (2012), *Kantbaros: alle origini del Sacro Graal*, Viterbo, Annulli Editori.
- GUERREIRO, Carla Alexandra do Espírito Santo (2006), "Reflexões pedagógicas na obra de Guerra Junqueiro", in *Ciclo de Conferências 2003*, Bragança, Instituto Politécnico de Bragança, pp. 59-74.
- HERCULANO, Alexandre (1851), *Lendas e narrativas*, Lisboa, Imprensa Nacional, Viúva Bertrand e Filhos.
- JUNG, Carl (1996), *The archetypes and the collective unconscious*, London, Routledge.
- JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra (1877), *Contos para a Infância: escohidors dos melhores auctores*, Lisboa, Typ. Universal.
- JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra (1896), *A musa em férias*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira.
- JUNQUEIRO, Abílio Manuel Guerra (2007), *Contos para a Infância*, Baguim do Monte, Lello Editores.
- LEED, Erik J. (1992), *La mente del viaggiatore. Dall'Odissea al turismo globale*, Bologna, Il Mulino, 1992.
- MACHADO, Álvaro Manuel (1980), "A Geração de 70: uma literatura de exílio", in *Análise Social*, vol. XVI, n.º 61-62, pp. 383-396.
- MONGA, Luigi (1993), "Viaggio e scrittura: approccio ad un'analisi storica dell'odeporica", in *Bollettino CIRVI*, anno XIV, fascicolo I-II, n.º 27-28.
- PETITJEAN, André (1989), "Les typologies textuelles", in *Pratiques*, n.º 62, pp. 86-125.
- PROPP, Vladimir (1976), *Morfologia della Fiaba, Le radici storiche dei racconti di magia*, Roma, Newton Compton.
- RAK, Michele (2010), *Logica della fiaba. Fate, orchis, gioco, corte, fortuna, viaggio, capriccio, metamorfosi, corpo*, Milano, Bruno Mondadori.
- TOCCO, Valeria (2011), *Breve storia della letteratura portoghese*, Roma, Carocci Editore.
- TODOROV, Tzvetan (2002), *I generi del discorso*, trad. por Margherita Botto, Firenze, La Nuova Italia.